



## RESPIGANDO A VERDADE

Estávamos em junho de 1901 durante o Governo impopular de Campos Sales. Domingos Olímpio, acompanhado por Antônio Sales, subia a rua do Ouvidor quando, a certa altura, se encontra com o jornalista gaúcho Edmundo Bittencourt. Do encontro, a apresentação do nosso biografado ao diretor do Correio da Manhã, jornal lançado por aqueles dias, o convite para nele colaborar com uma crônica semanal a cem mil réis mensais. E quando o nosso Antônio Sales, escondido sob o pseudônimo Gamin, escreveu com sucesso sua primeira crônica, atacando o aumento das passagens de bonde da Companhia de São Cristóvão e a ação criminosa da Polícia, o diretor daquele matutino não se contém de entusiasmo, ergue seu mais novo colaborador três vezes nos braços e ordena ao caixa que o gratifique com cinqüenta mil réis.

Entrava, assim, com o pé direito, no Correio da Manhã, onde teria por companheiros de redação Leão Veloso Filho (o Gil Vidal), Heitor Melo, Vicente Piragibe, José Veríssimo, Domingos Olímpio, Manuel Vitorino, Laet, Coelho Neto, Pinheiro Júnior e outros. Este último, um português de muito talento e de muito espírito, foi o legítimo criador da seção Pingos e Respingos. Ele e mais alguns, não satisfeitos com a direção daquele jornal, após exigências, em sinal de protesto, dele se debandaram e fundaram o Correio da Tarde, sem grande êxito. Pinheiro Júnior passou-se depois para o Malho, foi seu diretor durante muito tempo e na Caixa dessa revista era o Cabuí Pitanga; anos depois, por volta de 1918, secretariava a Revista do Brasil publicada em São Paulo.

Bem. Com a saída de Pinheiro Júnior era convidado para dirigir Pingos e Respingos o nosso Antônio Sales, o que faria durante três anos, de 8 de agosto de 1901 a 25 de setembro de 1904, data de sua transferência forçada para a cidade de Rio Grande.

Quando da passagem do terceiro aniversário de existência do Correio da Manhã, Antônio Sales assim cantava os parabéns:

## A NOSSA DATA

*“Três anos, vejamsó! completa hoje o Correio,  
que veio a este país, escuro como cova,  
da Verdade trazer a luz intensa e nova  
e à popular consciência um órgão trazer veio.*

*Desde que ele surgiu, o crime teve um freio,  
e se vinga é depois de apanhar uma sova,  
que esta folha é o terror do inimigo do alheio  
e dos governos maus sem dó o pêlo escova.*

*A prepotência alvar, a falta de vergonha  
se estorce e tenta em vão babujar de peçonha  
a brônzea limpidez desta inflexível lança.*

*São três anos de glória e luta sem piedade,  
contra o vício e a opressão, contra a incapacidade  
e contra o pessoal vandálico do avança!”*

Raimundo de Menezes em Bastos Tigre e La Belle Époque e Luís Edmundo em O Rio de Janeiro do meu tempo afirmam que a seção Pingos e Respingos agasalhava diversos colaboradores, dentre eles o poeta curitibano Emílio de Menezes. Todavia, esclarece-nos o próprio Antônio Sales que por ser funcionário federal não poderia assinar a referida seção com seu verdadeiro nome arriscando-se, se assim o fizesse, até mesmo a perder o seu empreguinho no Tesouro Nacional *“e que este (referia-se a Emílio), pouco afeiçoado a Edmundo, nunca escreveu para aquela seção uma única linha”*.

A darmos crédito, e por que não, a Antônio Sales, fica esclarecido esse ponto até então controvertido; pelo menos durante a direção do autor de Minha Terra nenhum outro colaborador àquela seção tivera acolhida.

Antônio Sales seguia para o seu exílio e quando dele retornou, a 29 de abril de 1905, muito doente, não mais se adaptaria ao novo ambiente do Correio da Manhã, situação agravada ao tomar conhecimento de uma molecagem que lhe pregara Edmundo Bittencourt: *“pus o chapéu na cabeça para nunca mais tirá-lo a ele e nunca mais transpus a porta de seu jornal”*.

Pingos e Respingos ficara nas mãos de Bastos Tigre durante cinquenta e cinco anos, apenas interrompido durante sua permanência no exterior de setembro de 1906 a setembro de 1908, período em que aquela seção satírica ficou confiada a Gastão Bousquet.